

Re-Conhecimento A Gravura Norueguesa Contemporânea

Curadoria
Dag Alveng
Magdalena Kotkowska

Idealização
Jens Olesen

12 Jannik Abel
14 Per Inge Bjørlo
16 Håkon Bleken
18 Cathrine Dahl e Ørjan Aas
20 Dolk
22 Lars Elling
24 Åsmund Haukelidsæter
26 Ingrid Haukelidsæter
28 Olav Christopher Jenssen

30 Annette Kierulf e Caroline Kierulf
32 Per Kleiva
34 Bjarne Melgaard
36 Kjell Nupen
38 Ørnulf Opdahl
40 Gro Lygre Petersen
42 Inger Sitter
44 Randi Annie Strand
46 Gunhild Vegge e Lasse Kolsrud

Aud Marit Wiig

Embaixadora da Noruega no Brasil

É com orgulho que apresento ao público brasileiro estas realizações artísticas. Acredito que elas possam mostrar mais da Noruega, se comparadas a um só texto. Talvez essa reunião também nos ajude a compreender o que temos em comum, apesar da distância geográfica e cultural.

Países tentam falar ao mundo. A arte é um dos canais. Nesta coletânea cuidadosamente preparada estão declarações de alguns de nossos principais comunicadores artísticos dos últimos 25 anos. Pessoas no Brasil me perguntam: “Como é a Noruega?”. Para as mentes perspicazes, creio que algumas das respostas estejam aqui.

*Não me conte que a lua está brilhando;
mostre luz brilhando num vidro quebrado.*

Henrik Ibsen

Primeira Mostra de Gravuras Norueguesas no Brasil

Jens Olesen

Coordenador Cultural Norueguês

É com imensa honra e satisfação que damos as boas-vindas à primeira exposição de gravuras norueguesas no Brasil. Temos certeza de que terá grande repercussão nas relações culturais entre a Noruega e o Brasil, e estamos particularmente felizes e agradecidos porque os 21 principais artistas gráficos noruegueses prontamente aceitaram participar.

A exposição **Re-Conhecimento – A gravura norueguesa contemporânea** será inaugurada em 3 de dezembro de 2014 no Museu Nacional de Brasília, pela embaixadora da Noruega, Marit Aud Wiig.

A versatilidade artística e a contemporaneidade das artes gráficas norueguesas são realmente uma experiência ímpar, presente em todas as modalidades, e as cem gravuras expostas oferecerão ao público brasileiro uma ótima introdução a esse universo.

É com muito orgulho que participo desta iniciativa cultural que tem o apoio da Embaixada da Noruega. Nos últimos dois anos, os curadores Dag Alveng e Magdalena Kotkowska demonstraram inesgotável energia, entusiasmo e compromisso com a sua concretização.

Parabenizamos os 21 artistas noruegueses aqui reunidos e desejamos a todos muito sucesso nesta exposição que, depois de Brasília, percorrerá Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo e Recife nos próximos anos. Bem-vindos ao Brasil!

EDVARD MUNCH
(1863-1944)

O Beijo, 1902
xilogravura
61 x 60 cm

Re-Conhecimento

Magdalena Kotkowska

Curadora



*A forma mais antiga de reconhecimento é
lembrar-se de algo de que nunca se ouviu falar.*

Arne Nordheim

As artes gráficas com as quais lidamos hoje não apenas vão além do tema relacionado com sua própria mídia, indicando rotas ao longo das quais a arte como um todo se movimenta, mas também demonstram, antes de tudo, como a arte funciona no âmbito de uma reflexão existencial amplamente concebida. Ou seja, demonstram o modo como a arte passa a ser parte dela mesma, uma forma de consciência, e como acumula um potencial de verdade, entendida não no sentido lógico, mas como sinal de convicção interna. Uma convicção que leva ao “reconhecimento” da imagem fora da consciência do espectador, a despeito do fato de jamais tê-la visto.

Vem daí o título da exposição – **Re-Conhecimento** – que se refere, por um lado, ao processo criativo do artista e, por outro, à percepção do espectador, em cujo corpo a recepção, o reconhecimento e a interpretação das imagens se realizam de maneira vívida.

Re-Conhecimento é a última de uma série de exposições organizadas por Jens Olesen, cônsul geral da Noruega em São Paulo, com foco no cenário artístico nacional. Tem o objetivo de mostrar ao público as artes gráficas norueguesas e a riqueza de suas referências artísticas e culturais. Artes que se desenvolveram de maneira independente, mas também em profundo diálogo com as tendências europeias e globais.

A exposição reúne cem obras de 21 artistas representando várias técnicas e estilos, e mostra a complexidade e variedade do extenso universo das artes gráficas norueguesas dos últimos 25 anos. Neste caso, fizemos uma seleção subjetiva de obras, mas qualquer outra escolha também seria possível.

Nosso foco principal foram as obras de autores que, enquanto renovavam técnicas clássicas, faziam uso, de maneira consciente e original, de valores formais e estéticos atribuíveis às artes gráficas.

A exposição apresenta, portanto, obras de artistas que já são ícones na história das artes gráficas norueguesas, assim como obras intrigantes de artistas para os quais esse não é o meio expressivo preferencial, e ainda obras de novas gerações de autores que se iniciam nesse campo em busca de novos significados e novas possibilidades de criação de imagem.

A variedade estilística e os diversos formatos e formas das obras expostas, desde as pequenas e intimistas até as de grandes dimensões, tratadas como análise de estágios individuais do processo, atendem à mensagem concreta que cada um dos artistas incluiu em sua obra. Podemos até inferir que, em virtude de sua localização geográfica, o núcleo dos esforços criativos e da inspiração naquele país é uma relação muito tensa entre o homem e a natureza. É o único país onde poderia ter nascido Edvard Munch, cujas xilogravuras pioneiras foram o ponto de partida na história da arte da gravura norueguesa, com o expressionismo continuando a impregnar gerações subsequentes de artistas, como matriz original. Na gravura norueguesa, uma paisagem dramática pode passar por uma transição suave até uma abstração lírica ou até a forma expressiva da figura humana.

Dag Alveng

Curador

A exposição **Re-Conhecimento – A gravura norueguesa contemporânea**, apresentada neste catálogo, é a última de uma série de mostras de arte norueguesa em itinerância pelo Brasil.

Para nós, foi um prazer organizar a exposição e selecionar obras tão belas e interessantes. Agradecemos especialmente aos artistas participantes, que generosamente compartilharam seu tempo e ideias conosco e nos permitiram expor seus trabalhos.

Esta série de exposições é resultado do admirável dinamismo do cônsul geral da Noruega, Jens Olesen, que possibilitou a realização desta extraordinária itinerância, inclusive sugerindo obras e contribuindo para a curadoria da exposição. Nossos agradecimentos à Galleri Norske Grafikere e Bjørg Emilie Moen, e à Galleri Kunstverket e Marte Elisabeth Paulsse, que nos ofereceram assessoria e solidariamente emprestaram obras para a mostra. Agradecemos também a Elisabeth Brochmann, do Hotel Continental, pelo empréstimo da gravura de Edvard Munch para a exposição.

Obrigado a todos!

Jannik Abel

(1973)

www.luckyoneway.blogspot.no

Caminho
técnica mista
76 x 57 cm

Formou-se pela Academy of Art College (1994-1998) em San Francisco e pelo San Francisco Art Institute (1998-1999) e é uma artista *intermídia* que trabalha predominantemente com serigrafias e instalações. Conheceu profundamente a cultura da arte de rua enquanto morava nos Estados Unidos, e essa influência é visível em sua expressão artística urbana.

Acredito que minha função como artista é lançar um olhar sobre mim mesma e sobre o mundo – e dar uma resposta, afirma Jannik Abel, colocando a realidade em ordem. A busca pela verdade e por significados ocorre ao longo do processo de construção e desconstrução. A artista conseguiu desenvolver uma linguagem muito independente, total expressividade e, simultaneamente, simplicidade ao tocar nas questões de poesia concreta. O receptor – ou seja, o leitor – encontrará nos textos de Jannik Abel mensagens simples relacionadas aos discursos sobre vida e arte.

As gravuras expostas têm a forma de mensagens nas quais a palavra e a imagem, embora pertencendo a categorias diferentes, fluem entre si, mutuamente implicando sua presença. As palavras se tornam imagem, assumindo a tangibilidade de um objeto. A maior parte das obras foi realizada em serigrafia, e nos outros casos foram aplicadas técnicas mistas em que a matriz poderia ser uma estampa comum entrelaçada em um desenho. Alguns arranjos tipográficos são criados por múltiplas repetições de uma única palavra levando à extensão de tempo e espaço. A matriz criada pela artista vai além das definições clássicas.



Per Inge Bjørlo (1954)

sem título
xilogravura
85 x 67 cm

Pioneiro nos campos da gravura e da instalação, estudou na Bergen Art & Craft School (1974-1977) e na National Art Academy, em Oslo (1977-1981). Trabalha como escultor, pintor e gravurista. Sua obra *Inner Room I*, apresentada no Henie Onstad Art Center em 1984, tornou-se um exemplo legendário de instalação na história da arte contemporânea norueguesa. *Inner Room I* foi posteriormente apresentada na Bienal de São Paulo, em 1985.

As obras do artista estão em vários acervos, entre os quais: National Museum of Art, Architecture and Design (Oslo, Noruega), Astrup Fearnley Museum of Modern Art (Oslo), Bergen Kunstmuseum (Noruega), Henie Onstad Kunstsenter (Noruega), County Collection of Art (Oslo, Noruega), Norwegian Council of Cultural Affairs, Walker Art Center (Minneapolis, EUA), Metropolitan Museum of Art (Nova York, EUA), C.C.G.A. e T.G.A.C., Sukagawa (Fukushima, Japão), Tate Gallery (Londres/Liverpool, Inglaterra), Louisiana Museum of Modern Art (Humblebæk, Dinamarca), National Gallery (Canberra, Austrália).

A natureza expressionista das gravuras do artista e seus experimentos reveladores com diferentes materiais e processos trazem à mente as gravuras pioneiras de Edvard Munch. A série *The Heads from Balance* é formada por 17 gravuras em *intaglio* em branco e preto, criadas em colaboração com a Ken Tyler and Tyler Graphics Ltd. no estado de Nova York na segunda metade dos anos 1990. O artista descreve:

Estas imagens vêm de camadas de experiências e pensamentos guardados em minha memória como quadros. Minha infância difícil – a pressão das relações sociais, meus pais, outros adultos. A dolorosa classificação e busca de algumas imagens nas quais acreditar. Meus primeiros anos tentando encontrar equilíbrio.

Um estudo da cabeça humana é motivo recorrente em sua obra. Apesar de seu engajamento nas artes gráficas, o artista não consegue se libertar da representação espacial. Um crânio é construído ao ser trazido à vida com o uso de fortes contornos, hachuras e uma grade definidora de espaço. Cabeças expressivas sem olhos, mostrando órbitas oculares vazias e sem pupilas, remetem diretamente às esculturas arcaicas feitas em bronze, de jovens (*kouroi*) sem olhos.

A fascinação do artista com a cabeça humana é visível nos autorretratos que compõem a série de dois trípticos apresentada na exposição. A expressão poderosa, primitiva e formal dessas obras e a enorme tensão emocional podem remeter diretamente à expressão de *O grito*, de Munch.



Håkon Bleken (1929)

A partir de *Hedda Gabler*, 1987
litografia
73 x 53 cm

Formou-se pela National Academy of Art em Oslo (1949-1953). É um dos pintores noruegueses mais destacados nos últimos 40 anos e tem enorme influência no cenário da arte norueguesa contemporânea. Sua linguagem formal abrange um amplo espectro de formas puramente abstratas, do cubismo à figuração. Desde sua estreia em 1951, vem expondo em mostras individuais nas mais importantes galerias e museus da Noruega, como a National Gallery e o Henie Onstad Art Center. Em 2005 recebeu o prêmio Anders Jahre Kulturpris, e em 2009 o rei da Noruega o nomeou Comandante da Ordem de St. Olav.

O conjunto de litografias em exposição faz parte de um acervo de ilustrações criadas para a peça *Hedda Gabler*, de Henrik Ibsen. As obras foram executadas por encomenda em 1987, em Paris, em colaboração com artistas gráficos locais. Essas foram as primeiras litografias a revelar as excelentes habilidades de Bleken como ilustrador – ele combina sua interpretação pessoal com a necessária abertura para ambiguidades e contradições internas na arte.

As composições agitadas das litografias transitam entre o aspecto gráfico e o puramente formal, em que é visível o interesse do artista por um sinal resultante de um gesto de pintura. Håkon Bleken faz uso de meios expressivos que se contrapõem – uma linha fina e precisa versus um ponto plano e impreciso de pintura. Elementos da realidade são desenhados com grande precisão ao lado daqueles levemente sugeridos. O artista interpreta a peça de Ibsen ao desmontar sua realidade em partes individuais, recriando-a então à sua própria maneira, sem sinais, com uma dose de surrealismo. Os protagonistas são tratados de maneira altamente emocional. Assumem a forma de retratos psicológicos fictícios ou silhuetas negras, que retratam um ser humano como forma abstrata, tendo, ao mesmo tempo, um sentido sugerido decorativo e simbólico. A posição de Hedda Gabler diante da situação vivida é enfatizada por um elemento recorrente de fascinação ou obsessão – uma arma que, de um lado, é ferramenta de assassinato e, de outro, insinua erotismo.



Cathrine Dahl (1980)

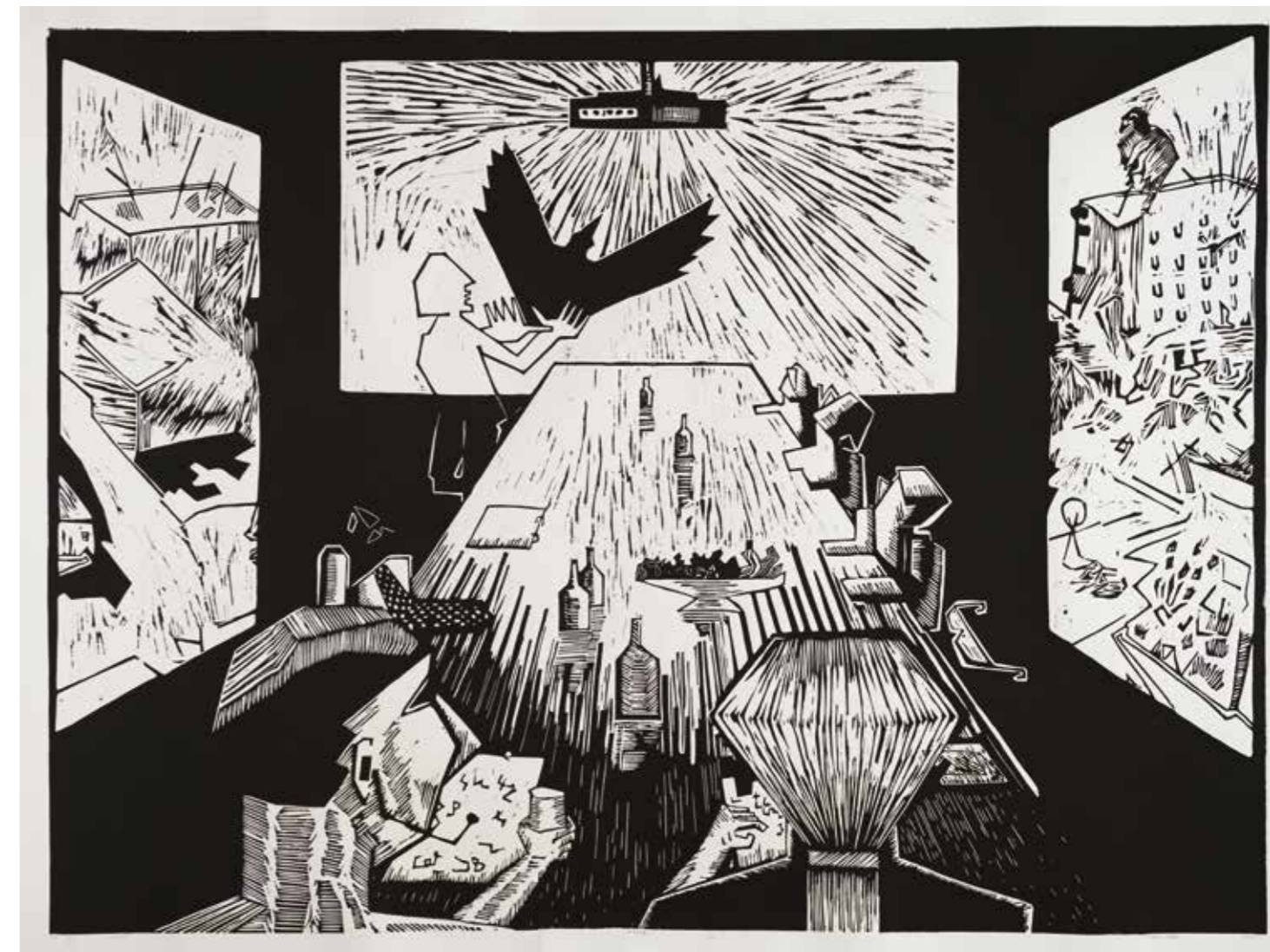
Ørjan Aas (1981)

www.dahlaasinc.blogspot.no

Visionário, 2014
xilogravura
135,5 x 100 cm

Ambos se formaram pela Art Academy, em Trondheim. Ørjan Aas estudou também no Falmouth University College, na Inglaterra. As obras da dupla são notáveis pelo emprego ousado da forma e dos materiais na linguagem da gravura. Na série conceitual exposta, intitulada *Bysopp*, uma pintura derivada de uma foto traduzida em composição gráfica em branco e preto passa por mudanças cíclicas. Para isso, a imagem é submetida a redução, limpeza e simplificação. Isto é, simultaneamente, um exame do processo de criação no qual cada parte da imagem em madeira é submetida ao processo de redução, enquanto a observação dos efeitos obtidos produz uma imagem cada vez mais abstrata. Numa paisagem misteriosa, perante a natureza, o homem é reduzido a uma das espécies simbióticas, sendo ele apenas um elo de um processo de mudança.

Um exemplo de conceito diferente é uma xilogravura intitulada *Visjonær*, da fase mais recente, dedicada à história da criação do Gênesis. Fortes entalhes gráficos em madeira são um retorno às origens daquele gênero. A simplificação da forma, o simbolismo e a técnica ajudam na narração almejada.



Dolk (1979)

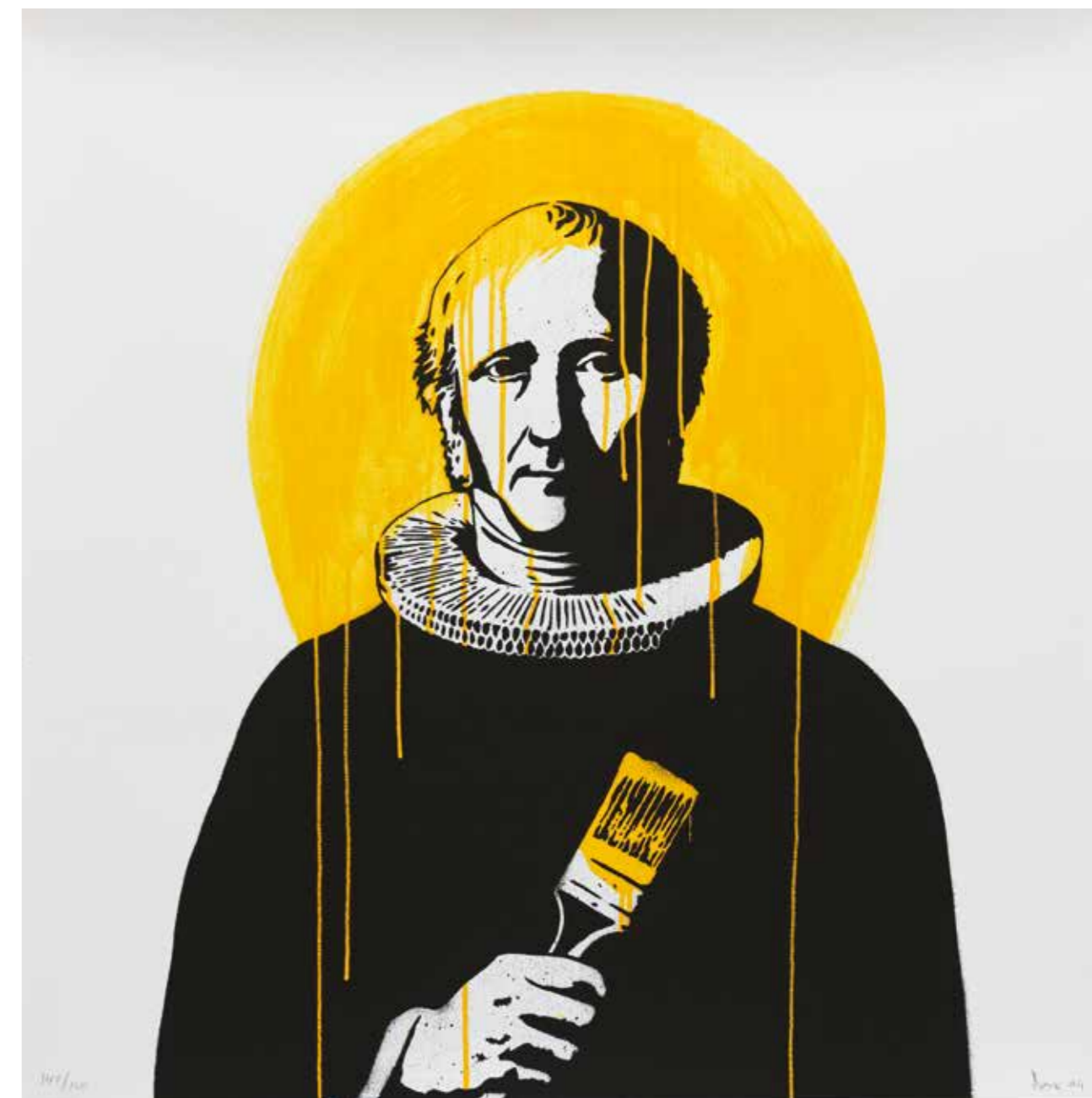
www.dolk.no

Padre
estêncil
65 x 65 cm

Dolk é o pseudônimo do grafiteiro mais famoso da Noruega. O artista começou a trabalhar com estêncil em Bergen, em 2003, e em outras cidades como Berlim, Copenhague, Londres, Barcelona, Oslo, Lisboa, Estocolmo, Praga e Melbourne.

Suas obras foram adquiridas para integrar várias coleções, entre elas a de Rolf Hoff (Noruega), Rekstensamlingene (Bergen, Noruega), e "Difusor" (Barcelona, Espanha).

Vínculos claramente fortes com o estilo das obras de Banksy se revelam tanto na técnica de produção (estênceis em formato grande) como na escolha de temas, uma forma irônica de comentar a realidade. O que esperamos da obra de Banksy – suspense, surpresa, humor e ironia – também está presente nas composições do artista norueguês. Tendo em vista que essas composições foram originalmente lançadas no espaço público por meio da serigrafia, elas adquirem valor para o colecionador e como objeto de contemplação. A obra é engraçada e, ao mesmo tempo, perigosa, por representar um casal de amantes cujas cabeças são granadas e cujas mãos estão segurando alavancas de segurança, antecipando-se à explosão da paixão. Uma sátira mordaz à moralidade protestante poderia ser a imagem de um pregador segurando uma brocha que usou para pintar um círculo sobre si mesmo, como uma auréola amarela.



Lars Elling

(1966)

www.larselling.no

3 de setembro

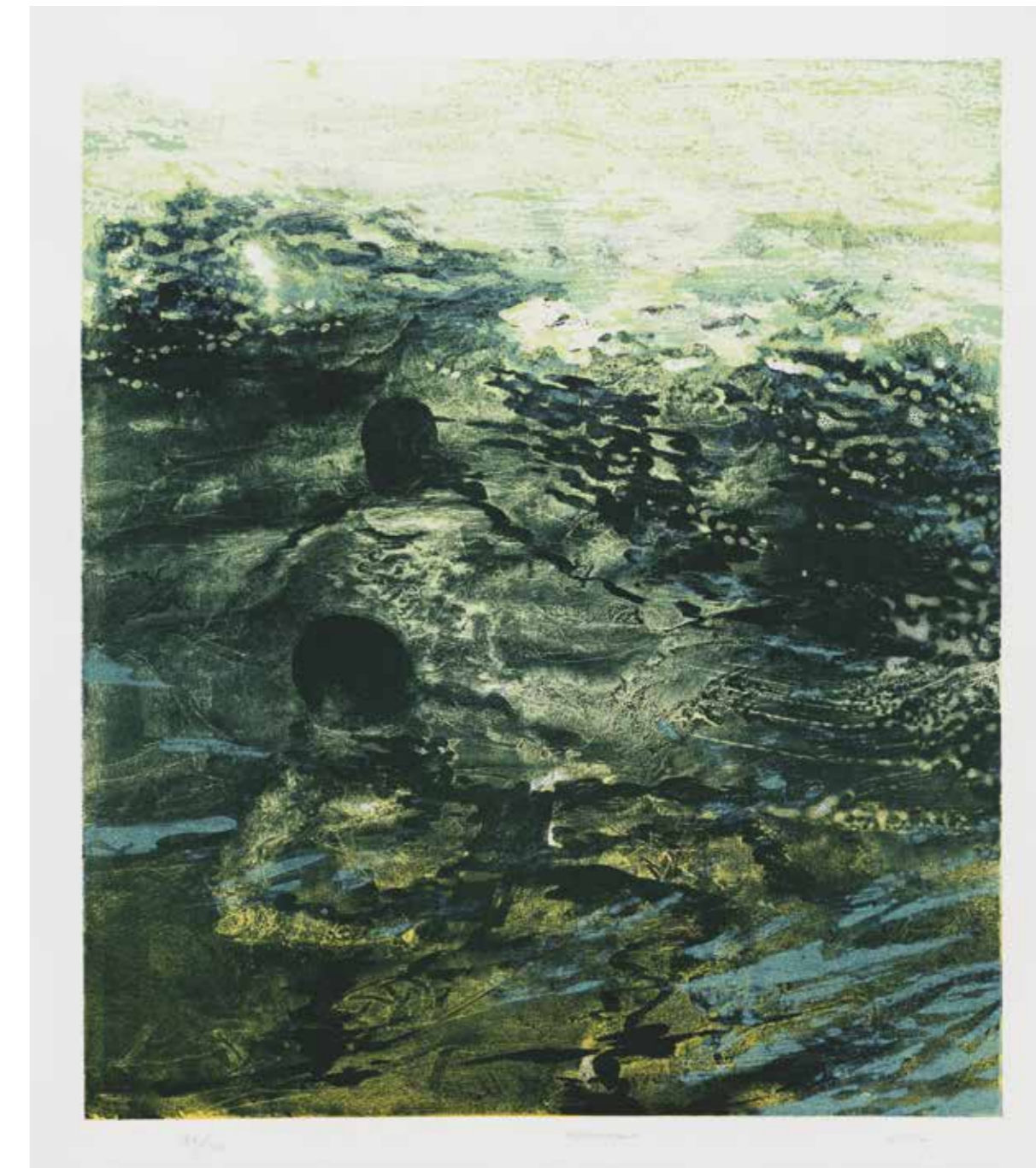
litografia

63 x 45,5 cm

Formou-se em artes gráficas pela National Academy of Art em Bergen (1988-1992), e é conhecido por suas imagens figurativas em grandes formatos, pintadas sobre tela. Realizou uma série de exposições individuais na Noruega e em outros locais, inclusive Nova York, Londres e Chicago.

As obras do artista integram vários acervos, entre os quais: National Museum of Art, Architecture and Design (Oslo, Noruega), European Commission e National Library (Noruega).

Em sua pesquisa com gravura, não se afasta da pintura. Graças à litografia, retém a suavidade e delicadeza da pintura em representações figurativas. Um elemento característico de sua obra é uma sugestão de esboço, ao mesmo tempo em que enfatiza o detalhe na elaboração de suas representações. Ao utilizar modelos iconográficos de mestres anteriores, cria composições perturbadoras e expressivas, gerando tensão entre figuração e abstração. Ocultação, convenção e borrões por meio da sobreposição de camadas de cores constroem um efeito ambíguo e mais relacionado com a impressão. Em suas gravuras, Elling recorre a filmes de memória, criando imagens nostálgicas e narrativas. O instinto pictórico de Lars Elling revela um uso sofisticado das cores, com justaposições variando entre degradês de sépia ou cinza e pontos de cores expressivas. O efeito obtido com a impressão dessas gravuras é semelhante àqule criado pelas fotos antigas ou mesmo pelos hologramas futuristas.



Åsmund Haukelidsæter

(1964)

sem título
xilogravura
76 x 57 cm

Estudou na Bergen Academy of Craft and Art (1986-1989). Posteriormente dirigiu o departamento de litografia no Graphic Workshop em Stavanger, de 1989 a 2009, e foi professor visitante na Norwegian National Academy of Fine Arts, em Oslo. Trabalha com desenhos e gravuras, mas principalmente com xilogravuras.

Trabalho com linhas e superfícies, lentamente formando meu vocabulário. Exploro várias formas de colocar chapas [de gravuras] antigas e novas. Assim, meu método de trabalho se torna um processo contínuo. O horizonte de tempo se torna infinito e ganha fluxo constante. Gosto disso.

Embora as obras do artista permaneçam como parte do cânone da abstração, estão próximas do estruturalismo e do pensamento construtivista. Essas xilogravuras sutis, tecnicamente deliciosas, desenvolvidas em múltiplas camadas, impressionam o observador pela qualidade gráfica de arranjos lineares explodindo verticalmente a partir das bases do plano, em direção a alturas inatingíveis. Pelo fato de tomarem por base a construção de relacionamentos entre o vertical e o horizontal, parecem estar arraigadas na experimentação e visualização da paisagem. Essas estruturas altas e cristalinas lembram um maciço montanhoso monumental, remetendo ao desenho intitulado *St. Beatenberg*, de Paul Klee. Talvez Åsmund Haukelidsæter também estabeleça, em múltiplas ocasiões, caminhos para aquela montanha sem nome que ele próprio começa a explorar. A atenção do observador se volta ainda para os registros sofisticados de cores. Aqui percebemos o contraste de preto e branco e uma escala completa de cinza, quebrada pelo azul celeste e por amarelos de trajetórias lineares que percorrem as cadeias de montanhas.



Ingrid Haukelidsæter (1968)

sem título, 2012
litografia
61 x 80 cm

Estudou na Villa Arson Nice, L'Ecole Pilote Internationale d'Art et de Recherche (1990), na Academy of Art em Rogaland (1990-1992), e trabalhou como assistente na seção de litografia do Graphics Workshop, em Stavanger (1998-2009). Haukelidsæter trabalha com pinturas e gravuras.

Suas obras estão hoje nos acervos de Kunst på Arbeidsplassen (Arte no Local de Trabalho), Royal Caribbean International, Stavanger Museum of Art, Eskilstuns Kunstmuseum, na Suécia, e na coleção de arte da Nordland Fylkeskommune.

A origem das formas criadas pela artista pode remontar à obra de artistas excepcionais das décadas de 1950 e 1960 – Franz Kline, Hans Hartung ou Gerard Schneider. Aqui observamos o registro de um gesto sintetizado, mas econômico. A atenção do observador se volta para poderosas justaposições de cores, graças às quais as formas criadas pulsam em um ritmo de energia explosiva. O gestual sugestivo dessas composições tem como fonte importante a dança – experiência pessoal da artista e, simultaneamente, o tópico da pintura. Podemos imaginar que o movimento da artista perante uma pedra litográfica tenha a qualidade de um gesto significativo e quase ritualista.



Olav Christopher Jenssen

(1954)

Caminho VI
água forte
37 x 27 cm

É um dos artistas noruegueses contemporâneos mais aclamados internacionalmente. Olav Christopher Jenssen formou-se pela National Academy of Fine Arts em Oslo em 1981 e também realizou estudos em Nova York e Berlim. Mora atualmente em Berlim e leciona na Academy of Art, em Brunswick. Jenssen se destacou na prestigiada exposição internacional Documenta IX, em 1992. É mais conhecido como pintor, mas trabalha com outras mídias também, como desenho, escultura e gravura.

Suas obras integram vários acervos pelo mundo, entre os quais: Museum of Modern Art (Nova York), National Museum of Art, Architecture and Design (Oslo), Collection Center Pompidou (Paris), Centro Cultural de Arte Contemporâneo (Cidade do México) e Kupferstichkabinett, Staatliche Museen (Berlim).

Sua linguagem artística evoluiu da figuração, na década de 1980, para o expressionismo abstrato, assumindo, algumas vezes, formas orgânicas e, em outras ocasiões, formas geométricas. Essa tradição espontânea de abstração, forma, plano e cor é compartilhada por Jenssen com artistas do grupo CoBrA.

A série de seis gravuras aqui exposta, intitulada *Path I-VI* [Trajeto I-VI], inclui composições de tendência minimalista, fechadas por uma margem larga. A linha desenhada pelo artista é a estrutura fechada de um só traço, formando labirintos intrincados. Deve-se ressaltar que o artista confere grande importância aos títulos de suas obras, que são parte integrante do processo de sua criação de imagens. A abstração linear é induzida pela estrutura de uma paisagem ou por sua experiência interna baseada na energia do movimento, um registro da condição emocional e física. A mesmo tempo, torna-se o código metafísico da consciência entendida não em seu sentido lógico, mas como sinal de convicção intuitiva.



Annette Kierulf (1964)

Caroline Kierulf (1968)

www.kierulf.info

Confiança, 2009

xilogravura
104 x 74 cm

As duas irmãs se formaram pela Bergen Academy of Art and Design e trabalham em parceria com processos e projetos comuns desde meados da década de 1990.

Anette Kierulf frequentou a Kunst-og designhøgskolen em Bergen (1985-1988), a Academy of Art em Trondheim (1988-1990) e, desde que se formou na Bergen Academy (em 1992), trabalha como artista, curadora e escritora. Além disso, é professora universitária de arte com especialização em gravura e lidera um grupo de pesquisas artísticas no Departamento de Belas Artes da Bergen Academy of Art and Design.

Caroline Kierulf estudou na Danmark Designskole, na Dinamarca, e na Bergen Academy of Art and Design, primeiramente no departamento de ilustração e artes gráficas (1993-1998) e depois no departamento de Belas Artes (2001-2002). Atualmente leciona artes gráficas na Bergen Academy of Art and Design.

As duas artistas receberam várias bolsas de estudos e realizaram diversas exposições na Noruega e em outros países, tanto individuais como coletivas, entre elas no Hordaland Kunstsenter (Bergen, Noruega), MOLAF – Museum of Longing and Failure, Dawson City (Canadá), Galleri Norske Grafikere (Oslo), FBWL, Grafiska Sellskapet (Estocolmo, 2010), na University of West England (Bristol, Inglaterra), e *Free Manifesta – Manifesta 4* (Frankfurt).

A parceria das irmãs Kierulf baseia-se em processos formais como técnica e expressão estilística comuns, bem como em uma estrutura teórica e temática comum: "Xilogravura como crítica cultural". Suas imagens são altamente abertas à interpretação.

As artistas usam a técnica da "serra tico-tico", cuja invenção é muitas vezes atribuída a Edvard Munch, pela qual os elementos visuais individuais são recortados e preenchidos com tinta, separadamente, o que permite trabalhar com mais facilidade em grande escala. Suas xilogravuras contêm colagens ou combinações de texto, como num pôster, e elementos figurativos estilizados em tendências de cores, apontando para inspirações dos anos 1950.



Per Kleiva (1933)

Høgfjell e fiorde, 2011
serigrafia
56 x 66 cm

Formado pela National Academy of Art em Oslo, Copenhague, Estocolmo e Florença, Kleiva é um artista versátil que ganhou reconhecimento por sua pintura e gravura. Estreou como artista politicamente radical na virada dos anos 1970. Foi um dos criadores do lendário Grupo GRAS, ativo em 1969-1974 e importante vetor das artes na Noruega, em particular as artes gráficas. O grupo reunia artistas com visões socialistas radicais, que protestavam contra a guerra do Vietnã e a União Europeia. Inspirado pela obra de Andy Warhol, Jim Dine e Roy Lichtenstein, tornou-se um dos mais notáveis criadores de arte *pop* na Noruega. Uma imagem icônica daquele período é sua gravura intitulada *Amerikanske sommerfugler* [Borboletas americanas], retratando helicópteros americanos com asas de borboleta sobrevoando o solo vietnamita carbonizado. Posteriormente, a mensagem política se tornou menos visível nas obras de Per Kleiva, que agora apresentam tendências minimalistas.

Suas obras estão presentes em vários acervos: National Museum of Art, Architecture and Design (Noruega), Henie-Onstad Art Collection (Noruega), National Museum of Modern Art, Hanói (Vietnã) e National Museum of Art em Varsóvia (Polônia), entre outros.

Hoje suas paisagens expressivas que retratam montanhas e fiordes têm uma dimensão emocional, sentimental e simbólica. Em suas obras expostas na mostra o artista sintetiza a paisagem em um sistema de planos. A expressão é construída aqui por meio de um contraste entre pedras e o branco da neve, obtido pelo uso sutil da cor. O elemento característico de suas obras gráficas mais recentes é a introdução de uma figura humana. Per Kleiva não apenas observa a paisagem, mas também parece escutar atentamente sua voz e ritmo. Isso se demonstra na composição que apresenta um plano em contraposição à nobre harmonia de uma paisagem.



Bjarne Melgaard (1967)

www.stabfrenzy.com/

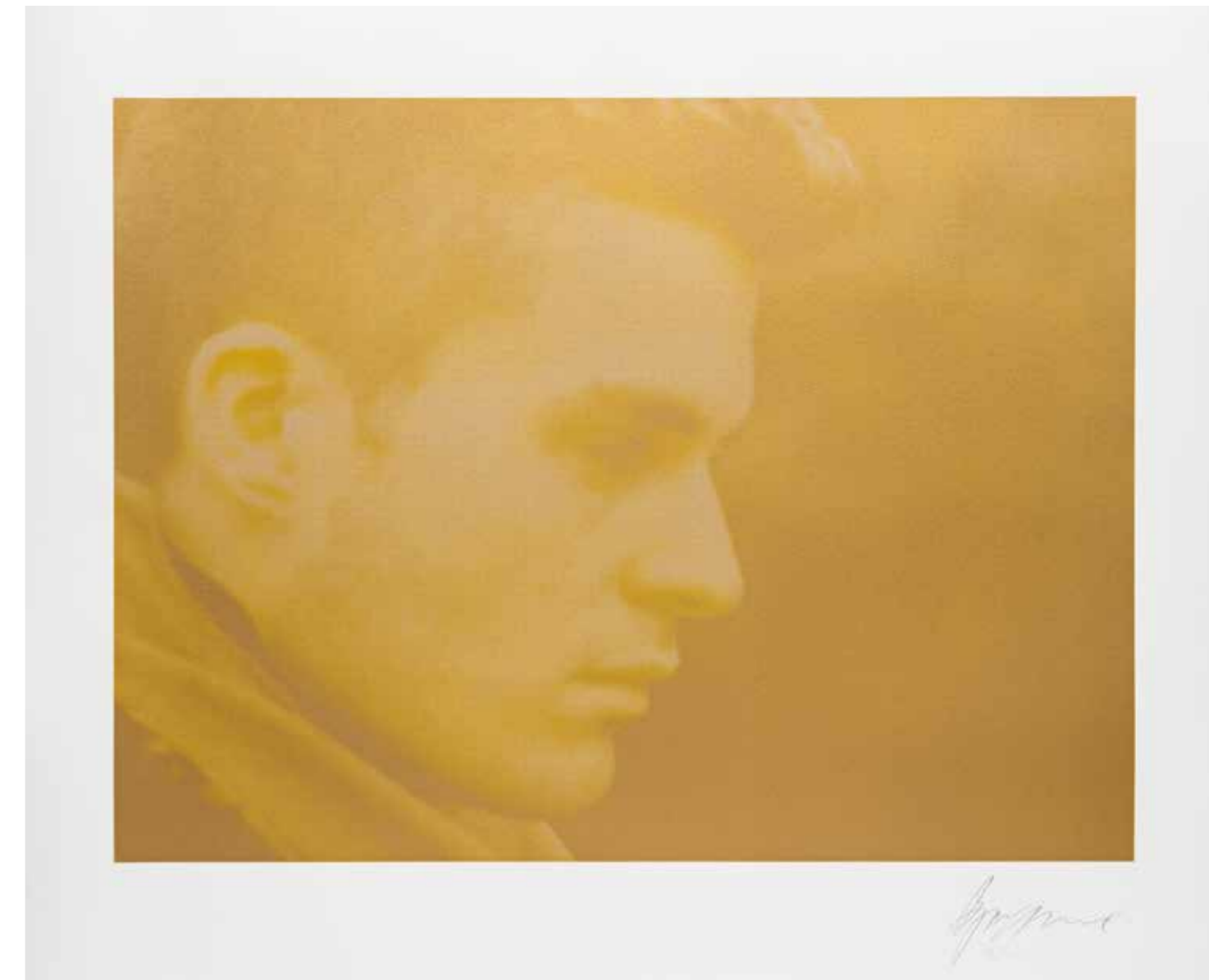
sem título
serigrafia
80 x 100 cm

Um dos artistas noruegueses mais reconhecidos internacionalmente, Melgaard estudou na Academy of Fine Arts em Varsóvia (1990), na Norwegian National Academy of Fine Arts, na Rijksakademie em Amsterdã (1991-1992) e na Jan van Eyck Academie em Maastricht (1992-1993).

Nos últimos 15 anos viajou muito, tendo residido em Oslo, Varsóvia, Amsterdã, Sydney, Berlim, Barcelona e Nova York, entre outros locais. Mudou-se permanentemente para Nova York em 2009.

A arte de Bjarne Melgaard integra acervos de várias instituições, entre as quais: Asturp Farenley Museet for Moderne Kunst (Oslo), Kunstmusene (Bergen, Suécia), Magasin 3, Konsthall (Estocolmo, Suécia), Malmo Konstmuseum, Moderne Museet (Estocolmo), Stedelijk Museum (Amsterdã).

Suas pinturas, gravuras, esculturas e instalações pertencem à antiga tradição do expressionismo. Com base em formas anarquistas e individualistas extremas, criou seu legado artístico ao usar os objetos mais triviais e banais. As serigrafias apresentadas nesta exposição são características da linguagem visual de Melgaard; fotos comuns do artista se tornaram ficção autobiográfica animada por um impulso surrealista. Sua obra é carregada de referências simbólicas: desenhos e sentenças caóticas têm conteúdo quase sempre sexual e violento.



Kjell Nupen

(1953 - 2014)

www.kjellnupen.com

Sono interminável

litografia
59 x 42 cm

Estudou na National Academy of Art em Oslo (1972-1975) e na Staatliche Kunstakademie em Düsseldorf (1975-1976), sob a orientação de Gerhard Richter.

Kjell Nupen foi acima de tudo pintor, embora trabalhasse também com várias outras técnicas e materiais, como gravura – em particular água-forte e litografia –, granito, cerâmica, vidro e metal.

Foi agraciado com vários prêmios de prestígio por suas gravuras e obteve reconhecimento internacional na II Bienal de Gravuras em Baden-Baden, Alemanha, em 1981.

Suas obras estão presentes em vários acervos públicos e privados: National Museum of Art, Architecture and Design (Oslo, Noruega), Henie-Onstad Art Collection (Noruega), Henie-Onstad Art Center (Noruega) e Biblioteca Nacional de Paris (França), entre outros.

A partir da década de 1980 Nupen desenvolveu sua própria linguagem visual expressionista com espaços imateriais em que composições sintéticas, quase abstratas, evocam uma impressão de paisagem na cor *Nupen blue*. Suas referências a Matisse, Eadweard Muybridge e Edvard Munch podem ser observadas em muitas de suas obras e também nas gravuras apresentadas nesta exposição – por exemplo, o encobrimento característico na coluna de luz da lua, derivada da sugestão de uma forma e construída por meio de amplas pinceladas.



Ørnulf Opdahl (1944)

Geleira
litografia
74 x 76 cm

Estudou na Norwegian National Academy of Craft and Art Industry em Oslo (1961) e na Norwegian National Academy of Fine Arts (1962-1965). O meio expressivo de Ørnulf Opdahl é principalmente a pintura a óleo, mas sempre experimentou outras técnicas, especialmente a litografia. Desenvolveu sua arte extraordinária em *workshops* de gravura na Noruega e na França. Expôs em várias mostras individuais e coletivas na Noruega e em outros países.

Suas obras estão na Norwegian National Gallery, no Astrup Fearnley Museum, no Rolf Stenersen Museum (Noruega), na Bibliothèque Nationale de Paris (França) e no British Museum (Inglaterra), entre outras instituições.

A inspiração de Opdahl vem da costa Oeste e dos fiordes da Noruega. Suas gravuras revelam a arte na criação de uma complexidade de estruturas paisagísticas, levando à síntese que tende à abstração. A luz é uma paisagem de desmaterialização em sua forma mais realista. Esses espaços são ao mesmo tempo poéticos e transcendentais, e têm um profundo ar melancólico.



Gro Lygre Petersen

(1974)

www.gropetersen.no

Buraco no céu, 2012
serigrafia
29 x 29 cm

Formou-se pelo Bath University College (1996-1999) e pela National Academy of Art, de Bergen (2001-2004). Trabalha no universo das gravuras, do desenho e da pintura em combinação com textos. Uma influência importante sobre sua linguagem visual é a tradição de contar histórias.

Suas obras estão nos acervos de algumas instituições norueguesas: Statens Hus, Haugesund Sykehus, Bufetat e Statoil Kollsnes.

A gravura *Hull i himmelen #1*, aqui exposta, tem o anverso e o reverso exatamente como uma moeda – de um lado, vê-se uma placa de tiro ao alvo e, do outro, nuvens brancas. Quando se submete a gravura à ação da luz, o tecido do substrato de papel se torna transparente, enfatizando a existência lado a lado e a infiltração mútua de formas radicais. Essa relação bilateral é acentuada pelo rasgo depois de um tiro, lembrando que a visão é uma ferramenta de poder e o olhar pode ser um ato de agressão em potencial.



Inger Sitter (1929)

Vermelho/preto/lilás
litografia
124 x 97 cm

Sua expressão notável se reflete em pinturas, esculturas, desenhos e gravuras. Estudou já aos 13 anos de idade na Trondhjem Gallery of Art, e aos 15 anos foi admitida na Norwegian National Academy of Fine Arts. Inger Sitter foi a primeira artista norueguesa a trabalhar no famoso *workshop* de gravura de Stanley William Hayter, em Paris. Esse vínculo com a arte internacional coincide com sua transição para a linguagem visual abstrata. Entre os artistas que a influenciaram naquela época estão Alfred Manessier, Jean Bazaine, Roger Bissiere e Pierre Soulages, assim como Robert Rauschenberg, Willem de Kooning e Antoni Tàpies. Inger Sitter desenvolveu seu próprio estilo, cheio de vigor e energia. Desempenhou papel importante na adoção da chamada abstração lírica da arte norueguesa, inspirada pela natureza.

Em 2011, recebeu um prêmio de Honra ao Mérito do Conselho das Artes da Noruega, com esta justificativa: *Inger Sitter é a maior artista do sexo feminino na Noruega. Uma de nossas primeiras modernistas, ajudou a impulsionar os limites do conceito de arte moderna no país.*

Inger Sitter participa com suas obras de um grande número de acervos públicos e privados, entre os quais se destacam: National Museum of Art, Architecture and Design (Noruega), Henie-Onstad Art Collection (Noruega), Modern Museum (Suécia), National Museum of Art (Dinamarca), Peter Stuyvesant Collection (Holanda), Municipal Art Collections, Filadélfia (EUA).

Em três obras de grande formato apresentadas nesta exposição distinguem-se as estruturas dinâmicas derivadas de formas orgânicas, características do estilo autônomo da artista. Grafismos vigorosos e explosivos, em cores que se estendem umas sobre as outras, formam linhas pós-formais. A linha tem origem na pintura. Jamais é estática, mas enfaticamente biológica, mudando de direção, impulso e largura, sugerindo uma história dramática sobre o ritmo das forças à espreita da natureza. O conflito entre o negrume do local da pintura e o jogo sutil e transparente das cores não deixa os espectadores indiferentes.



Randi Annie Strand

(1962)

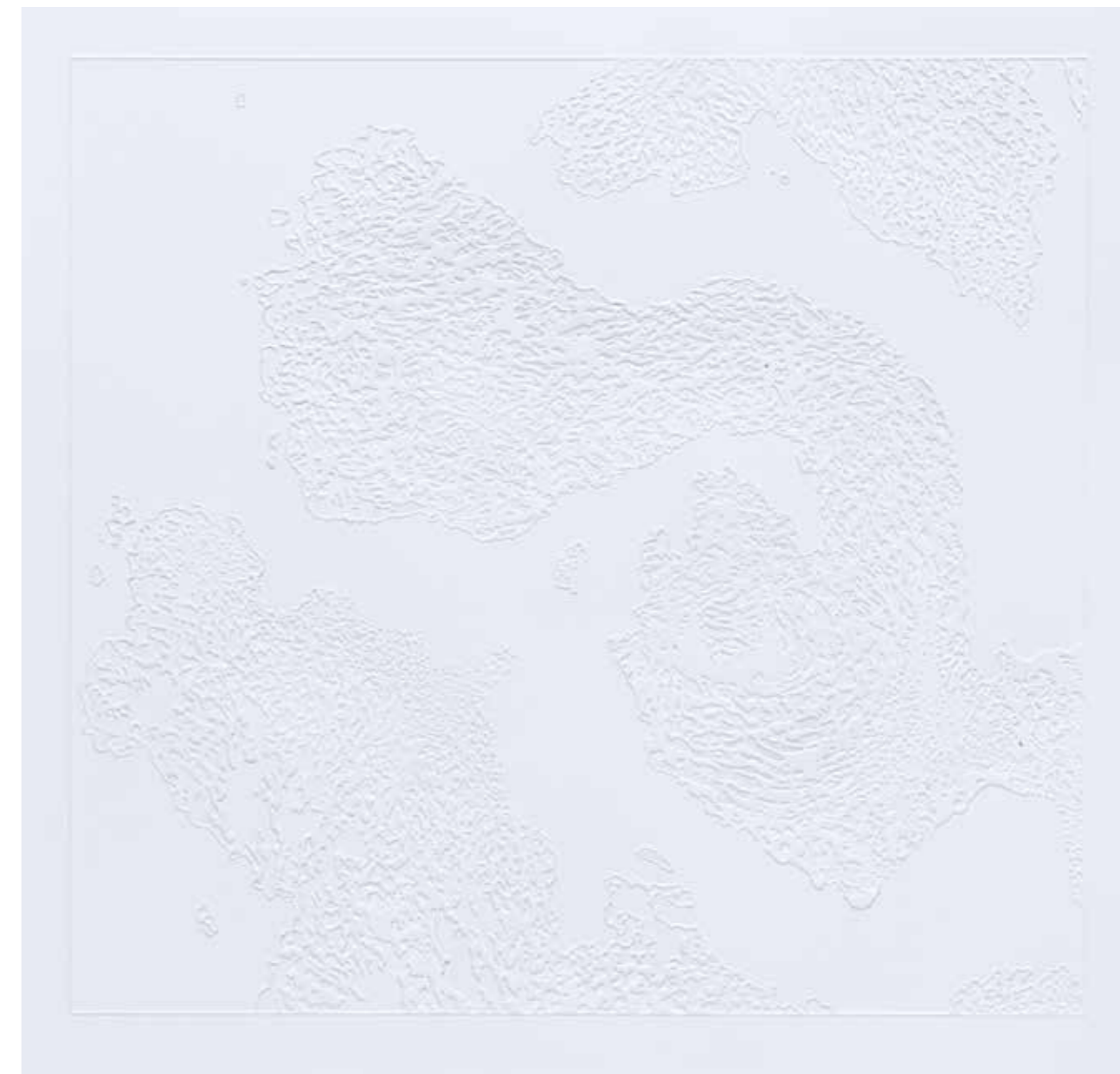
www.randistrand.no

Otterøya, 2012
impressão em relevo cego
28 x 29,5 cm

Estudou no College of Arts and Design em Bergen e na Academia de Artes de Lisboa. Suas ideias foram concretizadas por diferentes mídias e técnicas tais como gravura, livro de artista, instalação, escultura, *land-art*, fotografia e vídeo. Linguagem, sinal, memória e experiência sensorial são os principais motivos no trabalho da artista. Isso permite a redescoberta de um sinal como forma autônoma de expressão, em lugar de algo limitado e convencional.

As obras da artista hoje integram vários acervos, entre os quais: Centre for Artists' Books (Escócia), National Museum of Art, Architecture and Design (Noruega), Henie-Onstad Art Collection (Noruega), The King St. Stephen Museum (Hungria).

Cada linguagem tem sua própria forma completamente aberta à interpretação – intelectual ou emocional, consciente ou inconsciente. Randi Strand rompe com nosso entendimento comum de linguagem, transcendendo suas rígidas estruturas. A primeira das obras expostas é uma série de gravuras que fazem parte de um livro intitulado *The greatest form has no contour* [A maior forma não tem contorno]. Ao se referir diretamente a um conto de Borges intitulado “Del rigor en la ciencia”, a artista se envolve em reflexões epistemológicas sobre a natureza do conhecimento. Na interpretação surpreendente de Strand, um mapa – uma representação do mundo – opera entre o plano e a textura, e relevos monocromáticos são trazidos à vida pelo *chiaroscuro*. Aqui o mapa, aquela descrição codificada do mundo, ganha novo significado que é interpretado por meio da visão ou do tato.



Gunhild Vegge (1960)

Lasse Kolsrud (1959)

www.veggekolsrud.blogspot.no

Venha maio, você é linda, suave

xilogravura
39 x 43 cm

Ambos estudaram na Norwegian National Academy of Art, em Oslo, no Departamento de Desenho. Vegge e Kolsrud trabalharam em parceria durante um extenso período em uma série de xilogravuras coloridas.

Suas obras foram adquiridas pelo National Museum of Art, Architecture and Design (Noruega), por meio do Arts Council Norway, e publicadas no catálogo anual da Norwegian Association for the Illustrative Arts.

O tema das obras é uma observação perspicaz e irônica sobre os noruegueses, cuja principal obsessão – passar tempo ao ar livre – é tratada como patrimônio nacional. Os artistas apresentam o que está mais próximo deles: um parque público que, durante o dia, é uma arena para diferentes jogos e brincadeiras dependendo da estação do ano e, à noite, evoca um senso de ameaça ao se transformar em local de sexo e em banheiro.

Conforme explicam os artistas, *Esta é nossa contribuição simbólica para o entretenimento. Nestas xilogravuras procuramos refletir, com certa mordacidade, sobre nossas circunstâncias e sobre nós mesmos. Caros compatriotas noruegueses, quem somos e para onde vamos? E o que, afinal, estamos realmente fazendo aqui?*

Vale a pena prestar atenção no tema “trinitário”, que pode ser incompreensível para as pessoas de fora da Noruega. São silhuetas simplificadas de mulçumanas vestindo burcas, aparecendo isoladamente. A xilogravura intitulada *Venha Maio, você é linda, suave* (17 de maio, feriado nacional durante o qual desfiles festivos são organizados para comemorar a Constituição de 1814) mostra uma figura de três cabeças entre as pessoas do desfile. A tentativa de “naturalizar” imigrantes alienados inseridos na multidão é feita ao se anexar uma roseta com as cores da bandeira norueguesa. Essas xilogravuras poderiam, à primeira vista, ser um excelente material para livros infantis. No entanto, sob a máscara do idílio e do humor, Vegge e Kolsrud revelam uma amarga verdade sobre sua própria nação. Colocam sérias questões sobre a sociedade, sua estrutura complexa e a divisão em pessoas “daqui” e pessoas “de fora”, dramaticamente marcadas pelos eventos de 22 de julho de 2011.



Realização

Embaixada da Noruega

Consulado Geral da Noruega

Museu Nacional do Conjunto Cultural da República

Centro Cultural Correios

Concepção

Jens Olesen

Curadoria

Dag Alveng

Magdalena Kotkowska

Coordenação geral

Art Unlimited

Pieter Tjabbes / Tânia Mills

Design gráfico e

Comunicação visual

Marina Ayra

Novos negócios

Sandra Klinger Rocha

Karen Rozenbaum

Coordenação de produção

Sonia Leme

Equipe de produção

Cristiane Guimarães

Gustavo Budicin

Karen Garcia

Reginaldo Souza

Rose Teixeira

Suellen Ferreira

Coordenação de montagem

Erika Uehara

Equipe de montagem

Francisco Mozart Santos Júnior

Francisco Sassi de Almeida Santos

Projeto de iluminação

T19 Projetos

Caco Tomazzoli

Tradução

Izabel Burbridge

Revisão

Armando Olivetti

Fotografia

Edouard Fraipont